

**AUTO DA BARCA DO INFERNO X AUTO DA COMPADECIDA: UM ESTUDO
COMPARATIVO DOS ELEMENTOS LITERÁRIOS E SOCIAIS QUE APROXIMAM
AS PEÇAS DE GIL VICENTE E ARIANO SUASSUNA¹**

AUTO DA BARCA DO INFERNO X AUTO DA COMPADECIDA: A COMPARATIVE
STUDY OF THE LITERARY AND SOCIAL ELEMENTS THAT BRING THE PLAYS
OF GIL VICENTE AND ARIANO SUASSUNA

Flávia Rose de Azevedo Pedretti²
Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho³

RESUMO:

Este artigo é fruto de uma pesquisa bibliográfica que estrutura a análise comparativa entre o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, e o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, obras que integram o cânone da literatura luso-brasileira. Nesta pesquisa qualitativa baseada nas peças, estudos, dissertações e teses, foi possível verificar que a despeito da distância geográfica e temporal existente na produção do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Compadecida* existem elementos literários e sociais que permitem a aproximação entre as duas obras, o que justifica a leitura e discussão desses clássicos em sala de aula. Com vistas a observar a prática educativa, o artigo traz uma proposta de sequência didática que visa despertar o interesse dos estudantes do Ensino Médio pelos clássicos da Língua Portuguesa a partir do conhecimento dessas obras.

Palavras-chave: Literatura, Gil Vicente, Ariano Suassuna, *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Compadecida*.

ABSTRACT:

This article is the result of a bibliographical research that structures the comparative analysis between the *Auto da Barca do Inferno*, by Gil Vicente, and the *Auto da Compadecida*, by Ariano Suassuna, works that integrate the canon of Portuguese-Brazilian literature. In this qualitative research based on the plays, studies, dissertations and theses, it was possible to verify that, despite the geographical and temporal distance existing in the production of the *Auto da Barca do Inferno* and the *Auto da Compadecida*, there are literary and social elements that allow the approximation between the two works, which justifies the reading and discussion of these classics in the classroom. With a view to observing the educational practice, the article presents a proposal for a didactic sequence that aims to awaken the interest of high school students in Portuguese Language classics based on their knowledge of these works.

Keywords: Literature, Gil Vicente, Ariano Suassuna, *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Compadecida*.

¹ Trabalho Final do Curso de Licenciatura em Letras Português/EAD, do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES).

² Graduada do Curso de Licenciatura em Letras Português/EAD, do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), e-mail: flaviapedretti8710@gmail.com.

³ Professora orientadora. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (2015). Mestre (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufes (PPGL/Ufes) e pela Università Ca'Foscari Venezia e doutoranda (2020) em Poéticas da Antiguidade à Contemporaneidade pelo PPGL/Ufes. Realizou doutorado-sanduíche na University College London - UCL (2020). É professora do curso de Licenciatura em Letras/EAD do IFES. E-mail: luizahcarvalho@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A literatura condensa uma enormidade de experiências, conhecimentos e sentimentos vivenciados pela humanidade. Seja nos versos metricamente produzidos ou na prosa, na versificação livre ou no discurso simples e direto, é pelas obras literárias que relevantes aspectos da cultura de uma época, os costumes de um povo, seus valores e anseios, perpetuam-se ao longo dos séculos, inspirando e motivando as ações humanas tanto na vida pública quanto privada.

A despeito dessa capacidade de influenciar a conduta individual e coletiva, lamentavelmente, a leitura não figura como prática cotidiana de quase metade dos brasileiros. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020), realizada pelo Instituto Pró-livro (IPL), em 208 municípios dos estados brasileiros e do Distrito Federal, 48% dos mais de oito mil entrevistados são considerados não leitores pelos critérios estabelecidos no levantamento, ou seja, declararam não ter lido nenhum livro nos últimos três meses que antecederam à pesquisa.

Do total de indivíduos classificados como leitores, 38,9% estavam estudando no período da pesquisa, 34,5% tinham concluído o Ensino Médio e 47% dos leitores entrevistados costumavam ler livros de literatura, totalizando em média seis livros lidos nos últimos três meses que antecederam à pesquisa, sendo que quase quatro desses livros foram lidos por vontade própria e os outros dois, por outra motivação. Entre os leitores que optaram por livros não literários, a média de obras lidas caiu para cinco, sendo pouco mais de três visitadas por vontade própria.

Os números indicam ainda que o percentual de leitores caiu consideravelmente entre a penúltima e a última edição da pesquisa: foram estimados quase 105 milhões (56%) de leitores, em 2015, contra pouco mais de 100 milhões (52%), em 2019, quando foram coletados os dados da quinta e última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

Resultados como os apresentados acima preocupam, pois o apelo das outras mídias é cada vez mais acentuado, especialmente entre os jovens, por isso é tão importante promover o incentivo à leitura entre os estudantes e o contato dos jovens do Ensino Médio com os clássicos da literatura, quaisquer que sejam os gêneros textuais escolhidos: romances, poemas, peças teatrais, contos, etc. Aqui, cabe destacar que o conceito de clássicos da literatura está vinculado à proposição de

Ítalo Calvino (1981, p. 2), segundo o qual aqueles são “livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobra da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”.

Partindo desse conceito, este estudo recai sobre duas peças teatrais clássicas da Língua Portuguesa: o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, e o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. As duas obras se debruçam sobre a temática do julgamento de almas recém-desencarnadas, ainda que se distanciem uma da outra tanto temporal quanto geograficamente. Enquanto Gil Vicente retratou a corte portuguesa do início do século XVI, Suassuna se baseou na simplicidade do povo nordestino, dos meados do século XX.

A despeito dessa distância geográfica e temporal existente no processo de composição do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Compadecida*, este estudo evidencia os principais elementos literários e sociais que permitem identificar a aproximação entre as duas obras e também apresenta uma proposta de sequência didática que visa a despertar o interesse dos estudantes pelos clássicos da Língua Portuguesa a partir do conhecimento dessas duas peças teatrais, que também serão ponto de referência para uma produção textual ancorada no gênero textual fanfiction, modelo bem conhecido e aceito pelos jovens da atualidade.

Tendo em vista a necessidade de incentivar a leitura dos clássicos, levando-se em conta a realidade atual, especialmente no que toca a profusão de meios de comunicação e a multimodalidade de linguagens e semioses, tornou-se viável ainda a análise sobre como a transposição das duas obras escritas para o suporte audiovisual pode contribuir para o despertar do interesse dos estudantes do Ensino Médio por esses clássicos.

Considerando o estabelecido na Lei nº 13.415/2017, dispositivo que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/1996) e homologou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), compete ao Ensino Médio promover o aprendizado teórico e a consolidação de habilidades que permitam intervenções no mundo, tornando a ação do indivíduo mais efetiva e coletiva. Logo, prioriza a preparação dos estudantes para a realidade cotidiana, tendo o letramento e o

pensamento crítico como caminhos necessários para a sua autonomia e protagonismo.

Inserido na área de Linguagens, o componente Língua Portuguesa tem o texto como unidade central de trabalho baseado na abordagem enunciativo-discursiva e também leva em conta a evolução das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs).

No Ensino Médio, os jovens intensificam o conhecimento sobre seus sentimentos, interesses, capacidades intelectuais e expressivas; ampliam e aprofundam vínculos sociais e afetivos; e refletem sobre a vida e o trabalho que gostariam de ter. Encontram-se diante de questionamentos sobre si próprios e seus projetos de vida, vivendo juventudes marcadas por contextos socioculturais diversos. [...] Por ser um período de vida caracterizado por mais autonomia e maior capacidade de abstração e reflexão sobre o mundo, os jovens, gradativamente, ampliam também suas possibilidades de participação na vida pública e na produção cultural. Eles fazem isso por meio da autoria de diversas produções que constituem as culturas juvenis manifestadas em músicas, danças, manifestações da cultura corporal, vídeos, marcas corporais, moda, rádios comunitárias, redes de mídia da internet, gírias e demais produções e práticas socioculturais que combinam linguagens e diferentes modos de estar juntos (BNCC, 2017, p. 473).

Neste ponto vale ressaltar que, segundo Calvino (1981, p. 2), os clássicos “chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas alturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”. Assim, o processo de construção do conhecimento fundamentado nos clássicos tem a possibilidade de fortalecer a identidade cultural, enriquecer os estudos linguísticos e incentivar a compreensão e a produção textual.

Desta forma, a proposta de contextualizar histórica e culturalmente as obras de Gil Vicente e Ariano Suassuna, identificando as fontes nas quais se inspiram, a crítica social presente nas peças e a aceitação dessas obras pelo público e pela crítica ao longo dos anos, é fundamental para estabelecer uma relação de interesse entre os leitores jovens, especialmente os estudantes do Ensino Médio. Compreendendo as condições de produção e a permanência dos personagens no imaginário popular, os jovens poderão refletir sobre comportamentos aceitos ou condenáveis, num momento em que se consolidam os traços de personalidade desse público que logo estará à frente das ações e decisões do país.

Ao longo deste artigo, portanto, estão relacionados os aspectos sociais e políticos que envolviam os autores do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Compadecida*, destacando especialmente o contexto histórico vigente no momento em que as obras foram escritas. Por meio de um breve estudo intertextual foi possível identificar as similaridades entre as obras, notadamente no que toca aos julgamentos descritos nos dois autos da moralidade, verificou-se ainda como a transposição dessas obras literárias para outro suporte contribuiu para a sua popularização/aceitação.

Uma vez que o hábito da leitura não faz parte da rotina de quase metade da população brasileira, como demonstrou a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, a transposição das histórias para o suporte audiovisual tem contribuído para disseminar seus conteúdos. Diante das diversas releituras do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Compadecida*, no teatro ou em produções audiovisuais, as peças adaptadas passaram a alcançar um público mais amplo, despertando nos telespectadores e cinéfilos o desejo de conhecer a obra na qual as séries e filmes são baseados.

Com o intuito de verificar o quanto o recurso audiovisual pode contribuir para o incentivo à leitura, atuando também como novas produções textuais, o estudo traz no seu final uma proposta de sequência didática voltada para a leitura, discussão e análise escrita dos autos, nas aulas de Literatura em Língua Portuguesa do Ensino Médio. Observando as diretrizes da BNCC, a produção textual indicada na sequência didática está alinhada com um dos gêneros textuais típicos da sociedade moderna: a fanfiction.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O *Auto da Barca do Inferno* e as condutas que levam à danação eterna

Considerado o maior expoente do Humanismo português, Gil Vicente teve uma carreira profícua, contabilizando quase cinquenta obras. Se por um lado não se pode precisar com exatidão as datas do seu nascimento e morte, seguramente é possível afirmar que, em pouco mais de meio século de vida, o escritor e dramaturgo deixou pelo menos 44 obras completas, compondo a *Compilação de Todas as Obras de Gil*

Vicente, uma importante edição organizada por seu filho Luis Vicente, publicada inicialmente no ano de 1562 (FERRAZ, 2011, p. 55-56).

Dentre suas obras de maior destaque, encontra-se o *Auto da Barca do Inferno*, classificado como uma alegoria de grande profundidade e um Auto de Moralidade, por trazer um retrato caricato dos pecados que se multiplicavam na corte portuguesa durante o início do século XVI (FERRAZ, 2011, p. 59-60). Essa rica produção satírica do autor inicialmente poderia contradizer a sua formação cristã, mas é justamente nessa capacidade de tratar a temática religiosa de uma forma menos dogmática e mais zombeteira que se revelava o caráter humanista de suas obras. Salma Ferraz (2011, p. 58) afirma que a base oferecida pelo teatro litúrgico uniu-se à formação humanística de Gil Vicente, que a um só tempo reunia conhecimentos teológico-cristãos, de filosofia clássica e de mitologia greco-romana, dando origem ao teatro vicentino que, entre outras coisas, combatia a intolerância religiosa, o teocentrismo dogmático e a corrupção clerical.

Ainda segundo Ferraz (2011, p. 58), em suas obras – compostas por Autos Pastoris ou Éclogas⁴, Farsas⁵, Autos de Moralidade⁶ e outras que misturavam elementos de alegoria, moralidade e farsa, como o *Auto da Lusitânia* – Gil Vicente, mais uma vez, valia-se da sua formação humanista e escrevia seus versos em latim, espanhol, português arcaico e saiaçuês, um dialeto típico da região de Saiago, em Portugal.

Importa salientar que grande parte da produção do teatro vicentino deveu-se à sua boa relação com a Corte Portuguesa, nos reinados de D. Manuel e D. João III. Muitas das suas obras, aliás, foram produzidas para o deleite da família real e seu séquito. Francisco Achcar (1999, p. 12), na introdução à 4ª edição revista e aumentada do *Auto da Barca do Inferno*, destaca que:

Sabe-se que Gil Vicente gozou de prestígio na corte, para a qual seus autos eram escritos. Foi esse prestígio, provavelmente, que lhe permitiu levar a efeito a ampla e mesmo violenta crítica social que empreendeu através de seu teatro, no qual são satirizadas todas as camadas da sociedade, inclusive o clero e a nobreza. A dependência em que se encontrava com relação ao rei talvez o levasse, algumas vezes, a atenuar seu ímpeto satírico, mas não o terá levado nunca a emudecê-lo.

O momento histórico marcado pelo enriquecimento da Coroa Portuguesa, devido às sucessivas conquistas advindas das Grandes Navegações, como a colonização do

⁴ *Auto pastoril castelhano, Auto da Fé.*

⁵ *Farsa de Inês Pereira, Quem tem farelos?*

⁶ *Auto da Barca do Inferno, Auto da Barca do Purgatório, Auto da Barca da Glória, Auto da Alma.*

Brasil e da costa africana, a chegada de Vasco da Gama às Índias e a consolidação de Lisboa como importante centro do comércio de especiarias (ACHCAR, 1999, p. 10-11), forneceu o pano de fundo ideal para as duras críticas de Gil Vicente aos vícios da nobreza e à defesa de uma vida mais simples e desprovida de luxos.

Já no fim da sua carreira, contudo, o teatrólogo conviveu com o rigor e a censura da Inquisição, que chegou a suprimir parte dos seus escritos. No documentário *Grandes Livros - Auto da Barca do Inferno (Gil Vicente)*⁷, disponibilizado pelo canal português *Companhia de Ideias* (Vimeo, 2012), professores e artistas atribuem aos efeitos das perseguições típicas da Idade Média o adormecimento da influência do teatro vicentino sobre a literatura portuguesa. Sua obra, comparada à de Camões e à de Fernando Pessoa em importância para a Língua Portuguesa, permaneceu quase esquecida por mais de 200 anos, desde 1586, quando foi publicada uma segunda edição de suas obras reunidas, então mutiladas pela censura. Apenas por volta de 1834, a magnitude da obra vicentina foi alçada novamente ao seu merecido lugar de destaque na literatura portuguesa, especialmente no ambiente acadêmico (COMPANHIA DE IDEIAS, Vimeo, 2012). Mas se Gil Vicente, outrora, teve parte de suas obras condenada pela Inquisição, anteriormente havia sido, ele mesmo, o juiz que condenara quase toda uma sociedade no seu *Auto da Barca do Inferno*. É claro que tal condenação deu-se de forma satírica, revestida pela crítica mordaz com que o Diabo e o Parvo julgavam os personagens que representavam os nobres e outros tipos comuns na corte portuguesa do século XVI, cujos costumes eivados de vícios retratavam muitos dos pecados capitais: a luxúria, a avareza e a soberba, por exemplo.

Ambientado às margens de um curso de água, que tanto poderia ser um rio ou o mar, o *Auto da Barca do Inferno* tem início com a preparação de duas embarcações, as quais caberia transportar as almas dos mortos para o Inferno ou ao Paraíso. A decisão quanto ao destino final dos espíritos, embora sua própria conduta em vida já sinalizasse se teriam direito à salvação ou se sujeitariam à danação eterna, caberia aos barqueiros que capitaneavam cada nau: um demônio e um anjo (VICENTE, 1999, p. 27).

⁷ COMPANHIA de Ideias. *Grandes Livros - Auto da Barca do Inferno (Gil Vicente)*.

Retrato da influência da mitologia grega, a embarcação que rumava para o Inferno é uma referência clara àquela barca que atravessa o Rio Estige, conduzida pelo barqueiro Caronte, tendo como porto final o Hades (VICENTE, 1999, p. 37). O *Auto da Barca do Inferno* apresenta a negociação entre o anjo, o demônio e os espíritos desencarnados, mas ainda apegados aos objetos que representavam sua condenação. Esses personagens são o fidalgo, que chega conduzido por um pajem responsável por carregar a sua cadeira de espaldar alto, numa clara referência ao orgulho que o nobre tem por sua linhagem; o frade, que se rendeu aos prazeres mundanos e leva uma amante a tiracolo; o onzeneiro, que se agarra ao bolsão onde guarda os dividendos de sua agiotagem; o corregedor e o procurador, que se valem dos códices para embasar a defesa dos seus pecados.

2.2 O *Auto da Compadecida*: pena e perdão no mundo mítico de Suassuna

Harold Bloom (1995, p. 30) destaca a necessidade de que um cânone tenha a capacidade de habitar a memória coletiva, tornando-se imortal dentro do seu estilo literário. E, apesar de ressaltar a constante associação entre a definição do cânone e a ideia de manutenção de ideologias dominantes numa dada época, o autor reitera que apenas alguns gêneros conseguem contemplar o cânone de um determinado período, sendo suas qualidades mutáveis como as sociedades.

Via de regra, para Bloom, a escolha individual é o único padrão que pode mensurar o valor estético de uma obra e essa capacidade de avaliar a qualidade de uma composição literária geralmente origina do conflito social, mas se constrói através da interação entre artistas, da liberdade de criação e da originalidade, aliadas à capacidade de refletir sobre os problemas e anseios do ser humano, contendo os conflitos da sua época, tal como o fez, em meados do século XX, Ariano Suassuna, com o seu *Auto da Compadecida*.

Fruto da geração modernista de 1945, o *Auto da Compadecida* traz a linguagem coloquial e a espontaneidade do povo para a dramaturgia, tendo como inspiração os romances e histórias nordestinas. Não é à toa que já na apresentação da obra, Ariano Suassuna (1975, p. 22) deixa claro que embora a peça já tivesse sido encenada no Teatro Santa Isabel, em Recife, e no Teatro Natal, o seu espetáculo é simples e mais se aproxima dos circos e teatros mambembes.

Expressões típicas do Nordeste florescem na obra de Ariano Suassuna. Um exemplo é a palavra “latomia”, que no Nordeste deixa de ter seu significado original (pedreira de mármore ou prisão) para se referir aos ruídos e lamentações populares (AULETE DIGITAL, Dicionário Online):

JOÃO GRILO, ajoelhando-se, em tom lamentoso:
Lembra-te de Nosso Senhor Jesus Cristo. Chicó. Chicó, Jesus vai contigo e tu vais com Jesus. Lembra-te de Nosso Senhor Jesus Cristo, Chicó.

CHICÓ:
Que latomia é essa para o meu lado? Você quer me agourar?
(SUASSUNA, 1975, p. 89)⁸.

Os traços marcantes da cultura nordestina, notadamente os hábitos, valores e costumes do sertão pernambucano, deram a tônica da obra de Ariano Suassuna. Laudiceia Gildo (2004, p. 410) defende que os causos e as prosas que o escritor conheceu na infância alimentaram o seu universo ficcional, dando origem ao que ele mesmo chamou de seu mundo mítico:

Não só as histórias e casos narrados e cantados em prosa e verso foram aproveitados como suporte na formação de suas peças, poemas e romances, mas também as próprias formas da narrativa oral e da poesia sertaneja foram assimiladas e reelaboradas por Suassuna (GILDO, 2004, p. 410).

Foi justamente nos folhetos da literatura de cordel, na música popular embalada pelo pífano e a rabeca e nas xilogravuras que ilustravam as capas dos livretos de cordel, que Suassuna baseou grande parte da sua obra, dando origem ao projeto cultural conhecido como Movimento Armorial. Segundo Maria Milene Peixoto Oliveira (2016, p.63), o nordestino considerava o Movimento Armorial como um “mergulho nas raízes populares da cultura”, naquilo que forma o imaginário de um povo.

É essa peculiaridade do modo de vida do nordestino tal como é e também como é visto pelos habitantes de outros cantões do país, que está retratada no *Auto da Compadecida*. A fé arraigada que faz com que o fiel se benza para pedir proteção ou se livrar do peso dos seus pecados, a influência outrora incontestável dos coronéis e seus capitães do mato e o pavor que os cangaceiros e facínoras despertavam por onde quer que seus nomes chegassem, tudo isso que se fez presente na obra de

⁸ As citações do *Auto da Compadecida*, são referenciadas por ano e página pois não há indicação de ato e verso na edição consultada.

Suassuna. Mais que o retrato dessas figuras emblemáticas que também estiveram presentes em outras renomadas obras da literatura brasileira, como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego e *Grandes Sertões: Veredas*, de João Guimarães Rosa, entre outras, o *Auto da Compadecida* reflete:

A proximidade de Ariano com os problemas enfrentados pelos mais pobres e sua vontade de encená-lo, juntamente com a simplicidade com que ele coloca tudo isso no papel o fizeram, e fazem ainda, um dos escritores mais lembrados da dramaturgia brasileira e mundial, visto que o *Auto da Compadecida* foi traduzido para diversas outras línguas, como o espanhol, o alemão, o inglês, o francês, o holandês, etc. (SANTOS, 2016, p. 6).

Não é à toa que Manoel Monteiro, um dos mais conhecidos cordelistas brasileiros prestou sua homenagem à contribuição de Suassuna para a disseminação da cultura nordestina e seus tipos. Nos versos de *D. Ariano Suassuna, Senhor das Iluminogravuras*, o cordelista enaltece a produção literária do dramaturgo paraibano e ressalta:

Mas se ARIANO não
Tivesse escrito na vida
Nada mais do que o seu
AUTO DA COMPADECIDA
Isto daria de sobra
Para que a sua obra
Ficasse reconhecida (60. 1-7)

E com a sua genialidade criativa, Ariano Suassuna deu nova roupagem aos causos do romanceiro popular nordestino, recontando as histórias com enredo próprio, baseado nas experiências que viveu, mas mantendo, segundo Oliveira (2016, p. 64), a essência e o espírito que os causos tradicionais guardavam. No *Auto da Compadecida* (1975, p. 14-16), por exemplo, estão recontados os romances populares anônimos: *O Castigo da Soberba*, *O enterro do cachorro* e *a História do cavalo que defecava dinheiro*.

Assim, a partir da releitura de obras do romanceiro popular, o *Auto da Compadecida* renovou a discussão sobre os pecados que acometiam a corte portuguesa do século XVI e que persistem até o século XX e XXI.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Tendo como recorte metodológico a pesquisa qualitativa, a análise comparativa do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Compadecida* buscou a construção de sentido a partir das obras literárias suso mencionadas e estudos anteriores apresentados na forma de livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado, portanto, a “partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50). Desta forma, a metodologia é pautada pela pesquisa bibliográfica, estratégia na qual, segundo Lima & Miotto (2007, p. 41), “a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência”.

A coleta de dados, por conseguinte, deu-se pela análise da bibliografia consultada, arcabouço teórico que possibilitou a realização da análise comparativa das obras literárias, ao mesmo tempo em que indicou um caminho pelo qual é possível levar as peças de Gil Vicente e de Ariano Suassuna, juntas, para o ambiente escolar, mais especificamente para as classes do Ensino Médio.

Diante do exposto, o artigo também traz em seu anexo uma sequência didática que propõe um conjunto de atividades por intermédio do qual os estudantes terão contato com o *Auto da Compadecida*, tanto em sua versão textual quanto audiovisual, passando pela relação intertextual existente entre a peça brasileira e o *Auto da Barca do Inferno*.

Partindo das atividades propostas na sequência didática, será possível incentivar a leitura dos clássicos luso-brasileiros ao mesmo tempo em que a análise e a interpretação textual baseada na obra literária e sua transposição para o suporte audiovisual permitirão a ampliação do repertório cultural da turma, tendo como norte a abordagem de Ugalde & Roweder (2020), acerca da aplicabilidade do recurso sequência didática:

Entende-se, pois, que é possível organizar temas e conteúdos simples e fundamentais em uma sequência didática bem estruturada antes de abordar temas mais complexos, priorizando a sucessão lógica dos conteúdos que facilitam o entendimento do aluno, uma vez que o aprendizado segue uma sequência total das atividades que ocorrem de maneira progressiva, contribuindo para uma maior compreensão dos temas pelos educandos.

Uma sequência didática bem estruturada pode favorecer um encadeamento de grandes temas correlatos, evidenciando a ligação que existe entre as grandes áreas de uma disciplina ou até mesmo, em um horizonte mais amplo, envolvendo diferentes áreas do conhecimento (UGALDE & ROWEDER, 2020, p. 3).

Ao final das atividades propostas, espera-se que os estudantes desenvolvam a capacidade de reflexão sobre as obras e os momentos históricos em que foram produzidas, bem como sobre os pontos de intercessão existentes entre as duas peças, tanto no que toca a intertextualidade quanto em relação aos modelos sociais vigentes. Pela elaboração crítica e a apropriação dos valores culturais herdados de gerações anteriores, espera-se que os jovens desenvolvam habilidades necessárias para a intervenção no mundo em que vivem, tal como prevê a BNCC (2017, p. 463).

4. REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A pressa do Diabo em embarcar as almas dos pecadores que morreram recentemente marca os versos iniciais do *Auto da Barca do Inferno*. A embarcação equipada tem suas velas içadas quando se aproxima o Fidalgo questionando a que local ela se dirige.

25 **Fid.** Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?

Dia. Vai pera a ilha perdida
e há de partir logo ess'ora.

Fid. Pera lá vai a senhora?

30 **Dia.** Senhor, a vosso serviço.

Fid. Parece-me isso cortiço...

Dia. Porque a vedes lá de fora.

Fid. Porém, a que terra passais?

Dia. Pera o Inferno, senhor.

35 **Fid.** Terra é bem sem-sabor.

Dia. Quê? E também cá zombais?

Fid. E passageiros achais
pera tal habitação?

Dia. Vejo-vos eu em feição

40 pera ir ao nosso cais...

(Auto da Barca do Inferno, 25-40).

Um após o outro, os personagens desfilam diante do Diabo e do Anjo, buscando negociar a salvação para os pecados que representavam as características das classes sociais do Século XVI. Ali estavam representados desde os religiosos até as prostitutas, dos nobres aos “bobos da corte”. Havia o Fidalgo, que se embriagara pelo pecado da soberba; o Corregedor e o Procurador, homens da lei que arbitravam de forma corrupta; a luxúria também se fez presente pela cafetina Brísida Vaz e pelo Frade e sua amante Florença; a ganância foi retratada pelo Onzeneiro (agiota), o Sapateiro (ladrão) e o Enforcado. Já a negação ao Cristianismo, personificada no Judeu que chegara com um bode expiatório, sequer mereceu um lugar dentro do batel infernal e foi arrastado a reboque:

Joa. Furtaste a chiba, cabrão?

590 Parecês-me vós a mim

carrapato d'Alcoutim

enxertado em camarão.

Dia. Judeu, lá te passarão

porque vão mais despejados.

595 **Joa.** E ele mijou nos finados

n'ergueja de São Gião!

E comia a carne da panela

no dia de Nosso Senhor!

E aperta o salvador,

600 e mija na caravela!

Dia. Sus, sus! Demos à vela!

Vós, Judeu, irês à toa,

que sois mui ruim pessoa.

Levai o cabrão na trela!

(Auto da Barca do Inferno, 589-604).

Dentre os dezoito personagens do *Auto da Barca do Inferno*, quinze eram passíveis de julgamento, mas apenas os quatro Cavaleiros Cruzados conseguem a salvação imediata. O anjo, aliás, estava naquele local apenas para conduzi-los ao Paraíso.

Até neste trecho se pode ver a sutileza da crítica vicentina, uma vez que na realidade, embora muitos cavaleiros estivessem lutando uma guerra santa, em que visavam à supremacia do Cristianismo sobre outras religiões, tais homens podiam levar vidas desregradas, tanto no que toca à prática de extrema violência quanto nas libidinosas experiências pelas quais passavam. Ainda assim, graças à indulgência plena concedida aos Cavaleiros Templários e Hospitalários, através do Concílio de Clermont (1095), sob a égide do Papa Urbano II (FERRAZ, 2011, p. 37), os quatro cavaleiros rumaram ao Paraíso:

855 Anj. Ó cavaleiros de Deos,
a vós estou esperando,
que morrestes pelejando
por Cristo, Senhor dos céos!
Sois livres de todo mal,
860 mártires da Madre Igreja,
que quem morre em tal peleja
merece paz eternal.
(Auto da Barca do Inferno, 855-862).

Embora o desfecho final do *Auto da Barca do Inferno* se dê com os versos finais declamados pelo anjo, o centro da narrativa está nas assertivas do diabo e nas severas e, às vezes desbocadas, críticas de Joane, o Parvo. Este, aliás, por sua ingenuidade e vida atabalhoada, também chega a ser aceito pelo anjo no batel da Glória.

Dada a severidade do julgamento feito pelo diabo e pelo anjo, com as certas intervenções do Parvo, subentende-se que Joane e o demônio são, na verdade, os porta-vozes do próprio teatrólogo. Nas anedotas desses personagens encontram-se as mais ferozes condenações à vaidade, à ganância e à falsa moral da sociedade portuguesa daquela época.

E se o *Auto da Barca do Inferno* enfatizava os pecados dos mais abastados, o *Auto da Compadecida* evidenciou a salvação dos pobres e sofridos, ainda que sagazes golpistas que emergem do universo de Ariano Suassuna. Como autos de moralidade, as duas obras traduzem as falhas da sociedade à qual cada dramaturgo pertencia. Alline Júlia Nascimento dos Santos (2016, p. 23) destaca que os autos possuem um

caráter denunciatório que vão além das falhas sociais de cada período, tendo, acima de tudo, o objetivo de alertar a sociedade contemporânea dos escritores. Assim, a despeito das classes sociais a que pertenciam, os personagens do *Auto da Compadecida* vão a julgamento no terceiro ato da peça, depois que suas condutas ficam evidenciadas nos desdobramentos das armações de Chicó e João Grilo.

Numa disputa acirrada, em que o Encourado (Diabo) e Manuel (Jesus) debatem os pecados do Padre João, do Bispo e do Sacristão, além do cangaceiro Severino e seu comparsa, do Padeiro e sua Mulher, é João Grilo quem reverte a situação ao clamar à Compadecida para livrá-los da danação eterna:

A COMPADECIDA:

E para que foi que você me chamou, João?

JOÃO GRILO:

É que esse filho de chocadeira quer levar a gente para o inferno.

Eu só podia me pegar com a senhora mesmo.

ENCOURADO:

As acusações são graves. Seu filho mesmo disse que há tempo não via tanta coisa ruim junta.

A COMPADECIDA:

Ouvi as acusações.

ENCOURADO:

E então?

JOÃO GRILO:

E então? Você ainda pergunta? Maria vai-nos defender. Padre João, puxe aí uma Ave-Maria! (SUASSUNA, 1975, pp. 171-172).

Fazendo jus ao nome, a Compadecida advoga em favor dos acusados, justificando suas falhas enquanto viviam. Para ela, os vícios de cada pecador sob julgamento eram explicados por um sentimento comum: o medo. “Quase tudo o que eles faziam era por medo. Eu conheço isso, porque convivi com os homens: começam com medo, coitados, e terminam por fazer o que não presta, quase sem querer. É medo” (SUASSUNA, 1975, pp. 174-175).

E é assim, demonstrando como o medo da solidão permitiu que o Padeiro, tão cruel com os empregados e tomado pela ganância, perdoasse as traições luxuriosas da esposa ante à iminência da morte, que a Compadecida livra o casal do inferno. Tomado pelo espírito compadecido, o próprio Manuel concede a absolvição a

Severino e seu cabra, por entender que ambos tinham sido meros instrumentos da cólera divina.

Numa articulada estratégia para também chegar ao paraíso, João Grilo propõe uma solução para o dilema sobre o fim do Bispo, do Sacristão e do Padre, todos acusados de simonia e avareza, pecados que se agravavam por serem eles membros da igreja. João Grilo sugere a Manuel que permita que os religiosos, o Padeiro e sua esposa ocupem os cinco últimos lugares do Purgatório (SUASSUNA, 1975, p. 180).

Embora almejasse uma passagem direta para o céu, João Grilo é surpreendido com a defesa da *Compadecida* e se alegra por receber a oportunidade de voltar à vida, se tornar virtuoso e amenizar os erros do passado:

A COMPADECIDA:

Deixe João voltar.

MANUEL:

Você se dá por satisfeito?

JOÃO GRILO:

Demais. Para mim é até melhor, porque daqui para lá eu tomo cuidado para a hora de morrer e não passo nem pelo purgatório, para não dar gosto ao cão (SUASSUNA, 1975, p. 185).

E é assim que o auto da moralidade de Ariano Suassuna se conclui: João Grilo retorna dos mortos e assusta o amigo Chicó, que do lado de cá da morte também clamava pela alma do companheiro de armações. A lamúria final de João Grilo fica por conta da perda do dinheiro que havia conseguido enganando o Bispo, o Padre, o Padeiro e a Mulher. No auge do fervor, Chicó prometera doar todo o dinheiro obtido a Nossa Senhora, caso a *Compadecida* conseguisse salvar seu amigo. Mesmo tentando negociar o pagamento da promessa, João Grilo reconsidera e, por gratidão e devoção à santa, os dois cumprem o prometido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Auto da Compadecida* e o *Auto da Barca do Inferno* transcenderam sua época e, além de permanecerem no imaginário dos leitores, também conquistaram o público teatral e, no caso da primeira obra, cativaram, mais recentemente, os cinéfilos e

telespectadores. Ao serem transferidas para outros suportes que não os livros e folhetos, as peças ganharam mais destaque e se tornaram mais conhecidas, seja pelos vídeos compartilhados no YouTube, seja pelas obras audiovisuais voltadas para a TV aberta e o cinema.

Essas releituras guardam características próprias a cada gênero discursivo e suporte, a exemplo do que acontece com a leitura e a produção textual a partir de uma obra específica. Como bem salienta Renata Mascarenhas (2006, p. 11), ao analisar as versões audiovisuais do *Auto da Compadecida*, qualquer adaptação passa por um rigoroso processo de recriação, dando vida ao que inicialmente estava restrito ao campo textual. É uma das grandes vantagens dessas releituras audiovisuais está na dessacralização da literatura, o que a populariza e aproxima cada vez mais do cidadão comum, capacitando-o para o aprendizado tanto para fins acadêmicos quanto para a prática do dia a dia.

Acreditamos que essa perspectiva da tradução cinematográfica como processo transformador do texto literário, adotada no presente trabalho, contribui para a desmistificação do conceito de literatura enquanto arte maior, a reflexão sobre a relação cultura/ literatura e a discussão de questões relacionadas à ideologia, à sociedade e à aceitação do texto traduzido (MASCARENHAS, 2016, pp. 140-141)".

Neste ponto, cabe focalizar a ideia de letramento, um conceito que está estruturado sobre as teorias da linguística textual e da teoria do discurso e dos gêneros, sendo entendido como o processo de aprendizagem dos usos sociais do sistema de escrita, constituindo-se como a base para o desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação e produção de textos. Assim, não se pode negar que o papel da literatura, enquanto arte produzida numa dada época e local, que influencia e é influenciada pela realidade em que está inserida, é fundamental para o desenvolvimento de práticas de leitura e letramento.

Como a língua escrita se insere em contextos socioculturais, a aprendizagem do sistema de escrita deve ocorrer simultaneamente ao desenvolvimento do letramento, da aprendizagem dos usos sociais desse sistema⁹. Por isso, às atividades desenvolvidas no ambiente escolar cabe fazer a ponte entre as experiências

⁹ Segundo Brian Street *apud* Rodrigues & Cerutti-Rizzatti (2011, p. 133), "o letramento é uma prática de cunho social, e não meramente uma habilidade técnica e neutra, e que aparece sempre envolto em princípios epistemológicos socialmente construídos. Tudo tem a ver com o conhecimento: as maneiras utilizadas pelas pessoas quando consideram a leitura e a escrita vêm em si mesmas enraizadas em conceitos de conhecimento, de identidade e de ser".

cotidianas e a formalização do processo de ensino-aprendizagem tanto no âmbito da leitura quanto da produção de textos.

Aqui é conveniente lembrar as mudanças que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe para o universo escolar, pregando a preparação dos estudantes para a realidade cotidiana, tendo, entre as habilidades e competências nos currículos escolares de Língua Portuguesa, a autonomia intelectual e o pensamento crítico como caminhos necessários para a autoria nas práticas de diferentes linguagens e o incentivo ao protagonismo.

Inserido na área de Linguagens, o componente Língua Portuguesa tem o texto como unidade central de trabalho baseado na abordagem enunciativo-discursiva e também leva em conta a evolução das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). Nesse contexto, as habilidades são entendidas como conhecimentos que permitem ao aluno saber fazer, processo por meio do qual se desenvolvem as competências.

Com a progressão do nível de escolaridade, as habilidades e competências dos estudantes irão se aprofundando até o ponto de torná-los aptos à intervenção na sociedade nos diversos campos de atividade humana e ao pleno exercício da cidadania, ao mesmo tempo em que contribui para a formação integral do indivíduo.

E é justamente nesse cenário que emerge a necessidade de incentivar os estudantes do Ensino Médio a lerem os clássicos, dentre eles as obras aqui destacadas. Assim, todo o processo de construção do conhecimento fundamentado nos clássicos tem a possibilidade de fortalecer a identidade cultural, enriquecer os estudos linguísticos e incentivar a compreensão e a produção textual.

Diante da perspectiva de incentivo à leitura e da compreensão do mundo pela literatura produzida em diversos períodos, uma vez que a temática e a abordagem das narrativas podem apresentar uma relação dialógica, marcada pela presença de um texto mais antigo sobre produções posteriores, enquanto a sociedade registra comportamentos modernos semelhantes aos de outrora, é acertada a opção de levar textos clássicos para que os jovens os conheçam.

Pelo desenvolvimento da sequência didática apresentada ao final deste artigo, almeja-se conjugar os conteúdos previstos para o 2º ano do Ensino Médio com o

estudo do *Auto da Barca do Inferno*, ainda que de forma superficial, dada a dificuldade de se compreender o português do texto vicentino, e do *Auto da Compadecida*. Partindo da exibição do filme *O Auto da Compadecida*, que neste ano completou duas décadas do seu lançamento, um suporte bem aceito pelas gerações mais jovens, é possível debater não só a evolução da Língua Portuguesa, as diferenças entre os versos heptassílabos de Gil Vicente e a prosa leve de Ariano Suassuna, como também os valores defendidos pelos movimentos Humanista e Modernista. Essas escolas literárias que elevaram o homem e sua realidade ao ponto central da produção artística e ainda podem impactar as novas gerações.

Pela proposta apresentada, pretende-se levar os estudantes a compreenderem o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais), mobilizando esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social, nas diversas mídias, na ampliação das formas de participação social, do entendimento e das possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Por fim, também se objetiva promover a apreciação estética de produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, levando os alunos a mobilizarem seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. E, fazendo jus aos novos gêneros textuais nascidos do ambiente virtual e rapidamente difundidos com a ajuda da internet, ao final das atividades previstas na sequência didática cada estudante será instado a produzir sua própria adaptação dos autos, elaborando uma fanfiction que poderá ser divulgada nos canais oficiais da escola ou nas páginas pessoais dos próprios estudantes.

ANEXO - SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Sequência Didática (SD)			
Título:	O <i>Auto da Compadecida</i> : das telas ao texto, da análise à releitura		
Público Alvo:	Alunos do 2º ano do Ensino Médio		
Problematização:	<p>Uma vez que os estudantes geralmente apresentam resistência na prática de leitura e escrita, importa oferecer experiências que conjuguem informações relativas à literatura e letramento, considerando as diversas semioses. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, são habilidades necessárias para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo;</p> <p>A partir do contato com obras literárias e suas releituras o aluno tem a oportunidade de apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, ao mesmo tempo em que mobiliza os seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.</p>		
Objetivos Gerais:	<p>Fazer com que os alunos conheçam o <i>Auto da Compadecida</i>, obra pertencente à Geração Modernista de 45, que atingiu diversos públicos no teatro, cinema, televisão, além da literatura;</p> <p>Realizar a análise da obra que aborda os comportamentos que eram condenáveis no passado, refletindo sobre quais desses hábitos ainda são passíveis de críticas na sociedade contemporânea;</p> <p>Proporcionar elementos que sustentem a produção textual amparada no gênero textual fanfiction, trazendo uma releitura atual do tema abordado pelo <i>Auto da Compadecida</i>.</p>		
Conteúdos e Métodos			
Aula	Objetivos Específicos	Conteúdos	Dinâmicas
1º encontro Três aulas de 50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> - Introduzir os estudos acerca do Movimento modernista, dando ênfase à Geração de 45; - Apresentar o filme <i>O Auto da Compadecida</i>, baseado na obra homônima de Ariano Suassuna e dirigido pelo cineasta Guel Arraes 	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução ao estudo do Modernismo - Geração de 45 - Exibição do filme <i>O Auto da Compadecida</i> 	Apresentação do filme <i>O Auto da Compadecida</i> como elemento introdutório do estudo sobre o Modernismo.
Conteúdos e Métodos			
Aula	Objetivos Específicos	Conteúdos	Dinâmicas
2º encontro 3 aulas de 50	<ul style="list-style-type: none"> - Continuar a explanação sobre a Geração Modernista de 45, destacando o contexto histórico e a produção literária de Ariano Suassuna; - Promover a leitura de parte do <i>Auto da Compadecida</i>, de forma que se verifique o quanto o texto 	<ul style="list-style-type: none"> - O movimento modernista e a Geração de 45; - Retextualização (vídeo para texto escrito) - Ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas 	Retomar as aulas anteriores e realizar a continuidade do estudo sistemático do movimento literário com a utilização do livro didático e textos complementares

<p>minutos</p>	<p>do filme respeita a produção literária e quais aspectos foram adaptados para a nova linguagem;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Demonstrar, pela leitura de trechos do Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente, que a temática abordada no Brasil do século passado já era debatida na Corte Portuguesa do século XVI; - Discutir brevemente sobre intertextualidade; - Debater os pontos comuns evidenciados na obra de Suassuna e a realidade atual; - Propor a realização de uma produção textual extraclasse, tendo como suporte o gênero textual fanfiction. 	<p>de expressão diversas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Efeitos de sentido - Exploração da multissemiose 	<p>disponíveis na web.</p> <p>Após explanação sobre a Geração Modernista de 45, suas características e momento histórico, debater os elementos daquela escola no filme "O Auto da Compadecida".</p> <p>Destacar a fidedignidade do filme com o texto original do dramaturgo Ariano Suassuna e propor uma breve discussão sobre o diálogo entre o texto escrito e suas adaptações para os meios audiovisuais (TV e Cinema), através da leitura de um trecho da obra literária.</p> <p>Trabalhar a intertextualidade existente entre a peça de Ariano Suassuna e o Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente, comparando trechos do julgamento presente nas duas obras.</p> <p>Ainda na sala de aula, solicitar aos alunos que destaquem os pontos principais do filme com a cultura nordestina e a realidade brasileira atual, anotando em seus cadernos.</p> <p>Numa atividade extraclasse, propor a elaboração de uma fanfiction (releitura) do filme para posterior apresentação em sala de aula e disponibilização no blog/página do Facebook da escola.</p>
----------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Conteúdos e Métodos			
Aula	Objetivos Específicos	Conteúdos	Dinâmicas
<p>3º encontro</p> <p>2 aulas de 50 minutos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Relembrar as características do gênero textual fanfiction; - Solicitar a realização de leitura voluntária de alguns dos textos produzidos; - Realizar a correção coletiva dos textos lidos; - Revisar e reescrever os textos produzidos pelos alunos; - Divulgar as produções textuais no blog e/ou página da escola no Facebook; - Incentivar a divulgação dos textos em canais mantidos em suas páginas pessoais ou sites de fanfiction. 	<p>Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica</p> <p>Relação do texto com o contexto de produção e experimentação de papéis sociais</p> <p>Textualização, tendo em vista suas condições de produção, as características do gênero em questão, o estabelecimento de coesão, adequação à norma-padrão e o uso adequado de ferramentas de edição.</p> <p>Revisão/edição de texto mutissemiótico</p>	<p>Solicitar aos alunos que relembrem o que é e como se caracteriza o gênero textual fanfiction.</p> <p>Promover a leitura de três ou quatro textos elaborados por alunos que se voluntariem em apresentar suas produções.</p> <p>Comentar e indicar coletivamente sugestões de adequações/mudanças nos textos lidos.</p> <p>Solicitar que os alunos revisem e reescrevam, se necessário, as suas produções textuais.</p> <p>Publicar os textos finalizados no blog e/ou página da escola no Facebook, incentivando os alunos que tem perfis em sites especializados em fanfictions que também compartilhem seus textos naqueles locais.</p>

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. Introdução. In: VICENTE, Gil. **O Auto da Barca do Inferno**. Introdução, preparação do texto e notas de FRANCISCO ACHCAR. 4ª edição revista e aumentada. São Paulo: CERED, 1999.

AULETE Digital. **Dicionário Caldas Aulete**. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/latomia>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

AUTO da Compadecida, O. Direção: Guel Arraes. Produções Globo Filmes. São Paulo – SP, 2000. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SpA_LJDrX-I. Acesso em: 04 de out. 2021.

BLOOM, Harold. Uma elegia para o cânone. In: **O Cânone Ocidental: Os livros e a Escola do Tempo**. Tradução: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CAIRUS, Henrique. O lugar dos clássicos hoje: o supercânone e seus desdobramentos no Brasil. In: VIEIRA, Brunno V. G. e THAMOS, Márcio (org). **Permanência Clássica: visões contemporâneas da Antiguidade grecoromana**. São Paulo: Escrituras Editora, 2011.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. In: ____ Por que ler os clássicos. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, (p.9-16).

CAVALCANTI, Larissa. **Leitura dos gêneros digitais: abordando as fanfics**. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Larissa-Cavalcanti.pdf>>. Acesso em: 04 de out. de 2021.

COMPANHIA de Ideias. **Grandes Livros - Auto da Barca do Inferno (Gil Vicente)**. Vímeo, 15 de outubro de 2012. Disponível em: <<https://vimeo.com/51449281>>. Acesso em 25 set. 2021.

FERRAZ, Salma. **Literatura Portuguesa I**. Florianópolis: UFSC, 2011. Capítulo 03. Disponível em: <https://ava.cefor.ifes.edu.br/pluginfile.php/199060/mod_resource/content/1/Literatura%20Portuguesa%20I.pdf> Acesso em: 14 mar. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILDO, Laudicéia Aparecida. **Uma leitura comparativa entre Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente e Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna**. Pirassununga: Centro Universitário Anhanguera, Anuário 2004. Disponível em <<https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/892/1/artigo%2047.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos e científicos**: documento impresso e/ou digital. 8. ed. rev. e

ampl. Vitória: Ifes, 2017. Disponível em: <<http://biblioteca.ifes.edu.br:8080/pergamum/web/vinculos/000012/0000121A.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5 ed. São Paulo: IPL, 2020. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf>. Acesso em: 29 de set. 2021.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de. MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Florianópolis, 2007, Rev. Katál, v. 10 n. esp. p. 37-45.

MASCARENHAS, Renata de Oliveira. **O Auto da Compadecida em transmutação: a relação entre os gêneros circo e auto traduzida para o sistema audiovisual**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2016.

MONTEIRO, Manoel. **D. Ariano Suassuna, Senhor das Iluminogravuras**. Projeto: Paraíba, Sim Senhor! 2ª ed. Campina Grande, Paraíba: Gráfica Martins, 2006

NASCIMENTO, Anderson Ulisses S. **Modernismo - Geração de 45**. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/modernismo-geracao-de-45.html>>. Acesso em 03 de out. 2021.

OLIVEIRA, Maria Milene Peixoto de. **Resíduos da picaresca espanhola no Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna**. 2016. 121f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2016.

REALES, Liliana. CONFORTIN, Rogério. **A dessacralização da obra de arte**. In: Literatura ocidental II. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2009.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Fundamentos das teorias de letramento: a compreensão da língua escrita sob um novo olhar e implicações dessa compreensão no ensino de Português na escola**. In: Linguística aplicada: ensino de língua materna. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SANTOS, Alline Júlia Nascimento dos. **Auto da Barca do Inferno e Auto da Compadecida - convergências e divergências**. Guarabira: UEPB, 2016. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/12367>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. Recife: Agir, 1975. Disponível em: <<https://lelivros.love/book/auto-da-compadecida-ariano-suassuna/>>. Acesso em: 14 mar. 2021.

UGALDE, Maria Cecília Pereira. ROWEDER, Charlys. **Sequência didática: uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem**. Florianópolis: Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, v. 6, Edição Especial, 2020.

VASCONCELLOS, Carolina Michäelis de. **Notas Vicentinas: preliminares duma edição crítica das Obras de Gil Vicente**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1912.

Disponível: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=83438>>. Acesso em: 14 out. 2021.

VICENTE, Gil. **O Auto da Barca do Inferno**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. Disponível em: <https://ava.cefor.ifes.edu.br/pluginfile.php/199065/mod_resource/content/1/Auto%20%20da%20barca%20do%20inferno.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

_____. **O Auto da Barca do Inferno**. Introdução, preparação do texto e notas de FRANCISCO ACHCAR. 4ª edição revista e aumentada. São Paulo: CERED, 1999.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Flávia Rose de Azevedo Pedretti

**AUTO DA BARCA DO INFERNO X AUTO DA COMPADECIDA: UM ESTUDO
COMPARATIVO DOS ELEMENTOS LITERÁRIOS E SOCIAIS QUE APROXIMAM AS
PEÇAS DE GIL VICENTE E ARIANO SUASSUNA**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de ARTIGO, apresentado à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português, na modalidade EAD – do Instituto Federal do ES – IFES -Campus Vitória – ES, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em 10 de dezembro 2021

COMISSÃO EXAMINADORA



Orientadora: Profª. Ma. Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho



Membro da banca: Profª. Dra. Marihá Barbosa e Castro



Membro da banca: Prof. Dr. Natan Henrique Taveira Baptista

Observação: As assinaturas da Comissão Examinadora estão na ATA FINAL, anexada ao ARTIGO, abaixo desta Folha de Aprovação. No Curso de Letras EAD, partir de 2020.1 (Covid), o orientador assina por todos os membros da banca.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VITÓRIA
Avenida Vitória, 1729 – Bairro Jucutuquara – 29040-780 – Vitória – ES

LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - EAD

ATA DE APRESENTAÇÃO E ARGUIÇÃO ORAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - FINAL

Ao 10º dia do mês de dezembro de 2021, reuniu-se pela web a Banca Examinadora composta pelos professores que assinam esta ATA, para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Letras/EAD intitulado **Auto da Barca do Inferno x Auto da Compadecida: um estudo comparativo dos elementos literários sociais que aproximam as peças de Gil Vicente e Ariano Suassuna** de autoria do (s) aluno (s) Flávia Rose de Azevedo Pedretti.

O (a) presidente da banca examinadora, professor (a) orientador (a) Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares da apresentação do TCC, passou a palavra para o (a) estudante, para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do estudante. Logo após, os examinadores se reuniram, sem a presença do estudante e do público, para julgamento e expedição do resultado. Todos os membros da banca emitiram pareceres por escrito para entregar ao orientador que encaminhará ao (s) estudante (s). Finalizada a análise da Banca Examinadora, o TCC do (s) (s) aluno (s) foi considerado:

(x) APROVADO - 80 a 100 pontos - NOTA: 90

O resultado foi comunicado publicamente ao estudante pelo Presidente da banca. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e foi lavrada a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da banca avaliadora.

Profa. Me. Luiza Helena Rodrigues de Abreu Carvalho
Professora orientadora

Prof. Dr. Natan Henrique Teixeira Baptista
Professor examinador

Profa. Dra. Marihá Barbosa e Castro
Professora examinadora

Vitória, ES, 10 de dezembro de 2021.